

**Entrevista realizada pela Jornalista e Assessora de Comunicação
Ir. Maria Neusa dos Santos, em Curitiba/PR, no ano de 2023, com o
Irmão Claudino Falchetto, EX-PRESIDENTE DA CRB NACIONAL.**

Ir. Maria Neusa: Estamos iniciando a primeira fase das gravações do nosso documentário. Vamos falar com o Irmão Claudino sobre o mandato de 1983 a 1989. Inicialmente, abordaremos o primeiro mandato até 1986, seguido pelo segundo. Nossos temas observam uma sequência lógica, e, neste momento, vamos resgatar as memórias da época da presidência do Irmão Claudino.

Irmão Claudino Falchetto: Bom dia a todos os religiosos que estão acompanhando nossa conversa. Fui presidente da CRB de 1983 a 1989, sucedendo dois grandes presidentes. O Padre Marcelo Azevedo permaneceu, extraordinariamente, por nove anos na presidência, enfrentando uma crise grave, que transformou a CRB em uma agência comercial. Com esforço, resgatou os valores da CRB, focando na Vida Religiosa centrada na formação das novas gerações. Em seguida, o Padre Décio consolidou o trabalho do Padre Marcelo, promovendo reflexões sobre a Vida Religiosa em todo o Brasil. Na minha gestão, busquei a expansão, sendo o primeiro Irmão Marista a assumir a presidência, rompendo com a tradição de padres. Isso reflete influências das opções do Vaticano e de Delid Puebla, direcionando a Vida Religiosa para a inserção, missão e vivência dos valores nos meios populares, além da formação para a missão.

Ir. Maria Neusa: Muito bem pontuado, irmão! Agora, falando sobre a revista *Convergência*, o senhor tem lembranças dela? Antes de entrarmos na sua época, gostaria de abordar os desafios relacionados à formação. Explique como a revista, criada antes de sua presidência, impactou as comunidades religiosas.

Irmão Claudino Falchetto: A revista *Convergência* foi criada pelo Padre Marcelo, continuada pelo Padre Décio, e, durante minha gestão, fortalecemos a equipe de redação com a perspectiva de alimentar as comunidades religiosas em todo o Brasil. Era um instrumento de renovação e reflexão sobre os valores da Vida Religiosa, proporcionando artigos fundamentados por teólogos. A revista desempenhou um papel significativo nesse sentido.

Ir. Maria Neusa: Na época, sua gestão destacou-se pela presença marcante da *Vida Religiosa* em instituições, principalmente escolares. Houve uma preocupação com a necessidade de religiosos compartilharem funções, liderança e espaço público. Pode compartilhar mais sobre esse desafio?

Irmão Claudino Falchetto: A *Vida Religiosa*, focada em obras e instituições, enfrentou críticas devido às mudanças propostas pelo Vaticano II, Medellín e

Puebla. Durante os congressos e encontros, notamos a tensão entre religiosos envolvidos em grandes instituições educacionais e de saúde, e aqueles comprometidos com a inserção nos meios populares. A Transição para inserção foi desafiadora, especialmente para as instituições educacionais já estabelecidas.

Ir. Maria Neusa: Sobre a mística, na busca por maior inserção, quais eram os aspectos místicos que impulsionavam a vida da CRB durante sua gestão?

Irmão Claudino Falchetto: As opções de Medellín e Puebla foram fundamentais para que a Vida Religiosa tomasse consciência dos valores dos fundadores, voltados para os necessitados. A valorização da inserção nos meios populares trouxe uma contribuição significativa, criticando uma Vida Religiosa mais estável, que não reconhecia a necessidade de se apresentar diante dos mais necessitados.

Ir. Maria Neusa: Essa era a grande profecia, podemos dizer assim? Os documentos afirmam que havia religiosas, homens e mulheres, que já estavam vivendo e não queriam mais retornar às suas instituições. De alguma forma, isso dava um certo impulso missionário na vida daqueles que, talvez, pudessem assumir esses campos mais difíceis, um pouco mais proféticos, que também lutavam por direitos à educação, à saúde de qualidade, à vida. Esses eram os sinais proféticos da sua época?

Irmão Claudino Falchetto: Certamente, a sensibilidade para esses valores proféticos, essa presença da Vida Religiosa nos meios mais difíceis, a presença junto aos pobres, negros, indígenas, nos meios populares, isso era uma crítica profética forte para toda a Vida Religiosa. Lembro-me que, especialmente no Nordeste, já existia uma organização de comunidades religiosas que se alimentavam por conta própria, sem a intervenção da instituição CRB ou mesmo das congregações. Era uma organização que levava, sobretudo, as religiosas a se inserirem de maneira profética junto aos mais necessitados. Em 1984, no segundo ano do meu mandato, descobri que, no Nordeste, havia um movimento de comunidades religiosas inseridas em meios populares, e elas realizariam um congresso em Lagoa Seca, na Paraíba, onde mais de 150 religiosas, todas da inserção, se reuniram. Foi impressionante ver como aquelas irmãs viviam uma Vida Religiosa ressuscitada, alegre e feliz. Ao compararmos com as comunidades das grandes instituições, notava-se uma Vida Religiosa mais pesada, com dificuldade de perceber o novo e a alegria da ressurreição.

Ir. Maria Neusa: Nos documentos do segundo mandato do senhor, afirmase que o profetismo era um elemento constitutivo da Vida Religiosa, um seguimento de Jesus Cristo em compromisso com o Reino. Vocês assumiram como prioridade o compromisso de viver essa dimensão profética na Vida Religiosa, seguindo criticamente o contexto socioeclesial nas formas adequadas de encarnação, impulsionando a inserção nos meios populares e

aprofundando a espiritualidade nascida da experiência de Deus no compromisso com a libertação do tempo. Havia também uma ênfase na formação, no processo formativo em comunidades, e reflexão sobre o compromisso social. O que o senhor tem para acrescentar, além dessa alegria profética da inserção?

Irmão Claudino Falchetto: A formação tomou uma dimensão completamente diferente. Algumas congregações passaram a realizar toda a formação na missão, no concreto, e não mais em casas de formação. Isso, naturalmente, teve enormes consequências para algumas congregações, pois as instituições tradicionais ficavam paradas em seus sistemas de formação convencionais. Acredito que isso foi uma dimensão questionadora e profética, não apenas para a Vida Religiosa, mas também para as instituições e a própria Igreja, que encontrou uma Vida Religiosa mais visível, mais próxima e esperançosa para o povo.

Ir. Maria Neusa: Os documentos dizem que essa época foi de muito florescimento e também de opções vocacionais, para serem religiosas, irmãos e até mesmo sacerdotes, devido à presença próxima. Contudo, houve conflitos relacionados à transição de uma instituição tradicional para a inserção. O senhor pode falar mais sobre esses conflitos?

Irmão Claudino Falchetto: Certamente, a transição de uma instituição tradicional para a inserção não foi tranquila. Muitas congregações enfrentaram conflitos, com algumas religiosas desejando trabalhar na inserção, com o povo, viver a sua radicalidade religiosa e seguir Jesus Cristo com os mais necessitados. Isso gerou conflitos internos, em termos de governança das congregações religiosas. Lembro-me até de congregações que enfrentaram rupturas devido à opção de religiosas pela inserção, vivendo com os mais pobres, em vez de permanecer em grandes instituições.

Ir. Maria Neusa: Vocês realizaram uma pesquisa, fazendo algumas perguntas, e uma delas era sobre os sinais proféticos da Vida Religiosa em sua região e congregação. Destacam-se a colocação dos dons a serviço dos pequenos indefesos, a vida em comunidades pequenas no meio dos incoercíveis. As respostas evidenciam uma tentativa de assumir um novo estilo de vida, mais coerente com a consagração e a opção, representando um grande desafio para a CRB na formação para a Vida Religiosa, aprofundando a mística do incompreensível.

Irmão Claudino Falchetto: Lembro-me que o Satesp e o Serne focaram muito nessa questão. Como podemos viver nossa Vida Consagrada hoje (naquela época)? Como podemos retornar às fontes, à leitura dos fundadores e fundadoras, compreendendo a intuição e a mística que os levaram a fazer essas opções? Essa

busca pelas fontes questionou não apenas as instituições, mas também levou religiosos a viver a opção feita pelos fundadores e fundadoras

Ir. Maria Neusa: Irmão, além das alegrias que já citou sobre a Vida Religiosa, com a inserção e a proximidade com os mais necessitados, certamente, o senhor viveu outras alegrias. Poderia compartilhar algumas delas?

Irmão Claudino Falchetto: Tivemos muitas alegrias. Lembro-me da solicitação dos inseridos para criar um grupo de reflexão dentro da CRB, que resultou na formação do Greni (Grupo de Religiosos Negros e Indígenas). Isso não foi gratuito. Foi uma luta...

Irmão Claudino Falchetto: [...] só chegava a esse ponto ali, e acho que foi uma grande alegria que a Vida Religiosa estava tomando um rumo mais coerente, mais evangélico. Com os fundadores, outra alegria era o trabalho próprio dentro da CRB Nacional. Tínhamos 12 executivos, cada um voltado para um segmento, mas todos com esse foco, com esse enfoque da Vida Religiosa profética. Lá dentro da própria CRB, contávamos com o apoio da Misereor, de Viena, da Alemanha, muito grande em termos financeiros. Tínhamos 150 bolsistas na área de saúde e 150 na área de enfermagem. A frente formou muitos agentes de Pastoral na área da saúde e na área da inserção. Outras alegrias foram perceber uma Vida Religiosa caminhando para um maior compromisso com os mais necessitados e a criação de novas regionais muito ativas, sobretudo na formação e na inserção. Cito as regionais de Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Fortaleza, todas muito ativas, acompanhando de perto a Vida Religiosa em todos os lugares.

Ir. Maria Neusa: O senhor aceitou parcerias, inclusive internacionais. O senhor recorda também de parcerias no próprio país, como, por exemplo, com a CNBB, e outras que ajudavam nesse projeto da CRB Nacional?

Irmão Claudino Falchetto: Certamente, eu participava todos os meses do encontro da CNBB em Brasília, discutindo sempre com os bispos sobre a Vida Religiosa. A grande parceria da CNBB com a Vida Religiosa do Brasil foi no programa da leitura da Bíblia para os religiosos, chamado "Tua Palavra é Vida". Esse programa foi lançado a pedido do Papa João Paulo II, no Uruguai, onde ele afirmou que a Vida Religiosa na América Latina precisava de uma nova evangelização. A CRB, através da diretoria, da equipe de refeição teológica, desenvolveu o projeto da leitura da Bíblia para os religiosos. Apesar de questionado e proibido em algumas conferências religiosas e países, a CNBB, cuja diretoria, na época, era formada por Dom Rigo Charles, Dom Luciano e Dom Celso, compreendeu a importância do projeto. Mesmo com resistências, o programa foi mantido e publicado no Brasil e traduzido para outras línguas, como italiano, francês e espanhol. Essa compreensão com a CNBB foi fundamental, mesmo enfrentando desafios com Roma, representada pelo sacerdote Zé Bernardes, que buscava manter a CRB dentro dos parâmetros da Igreja, mas também permitir avanços.

Ir. Maria Neusa: A sua revelação foi e é o quê?

Irmão Claudino Falchetto: Para mim, foi uma escola, uma universidade. Fui diretor da CRB em Belo Horizonte por cerca de 5 anos, depois 6 anos na Nacional, e sempre mantive contato com a CRB, seja através da revista ou dos encontros de formação em diversas instâncias. A CRB foi e é uma escola de alimentação, seja espiritual, intelectual ou de atualização da vida, uma reflexão constante sobre a Vida Religiosa.

Ir. Maria Neusa: Se tivesse de dar uma mensagem para os religiosos hoje, nessa realidade de tanto desânimo em relação à própria opção, o que o senhor diria?

Irmão Claudino Falchetto: A grande crise da Vida Religiosa atual remonta ao Vaticano II, quando as janelas foram abertas, a santidade foi destacada para todos, e a Vida Religiosa passou a ser vista como uma maneira de viver o cristianismo e o Evangelho, não mais como um estado de perfeição. Hoje, é essencial para a Vida Religiosa retomar o seguimento radical de Jesus Cristo, questionando se estão realmente vivendo os valores do Evangelho e o chamado de Jesus. É necessário ir além da missão e priorizar estar com Jesus, pois, sem isso, a missão se torna apenas um trabalho ou uma profissão.

Ir. Maria Neusa: Seria essa uma preocupação com a Vida Religiosa hoje?

Irmão Claudino Falchetto: Sim, a Vida Religiosa precisa retomar o seguimento radical de Jesus Cristo, voltar aos primórdios e compreender que não será mais unitária e visível como se desejava no passado. Hoje, a essência está no seguimento radical de Jesus e em ir ao encontro dos mais necessitados.

Ir. Maria Neusa: Quais são as esperanças de uma Vida Religiosa hoje encarnada?

Irmão Claudino Falchetto: Responder evangelicamente ao chamado de Jesus, compreendendo que a verdadeira essência está em seguir radicalmente Jesus Cristo. Se lermos o primeiro discurso de Jesus em Nazaré [...]

Irmão Claudino Falchetto: [...] Baseado em Isaías, é necessário ler o último discurso, que fala sobre os tempos finais, e, a partir disso, perceberemos que a Vida Religiosa encontra seu radicalismo no seguimento de Jesus.

Ir. Maria Neusa: Ao chegarmos ao final desses 70 anos, representando todas as conferências dos religiosos, a CRB merece parabéns por completar 70 anos de uma história radical, segundo Jesus Cristo?

Irmão Claudino Falchetto: Para aqueles que acompanharam a Vida Religiosa através da CRB, como eu mencionei anteriormente, a CRB foi uma escola e universidade para todas as gerações, tanto para os mais idosos quanto para as novas gerações. Seria ótimo se as novas gerações olhassem para os 70 anos de história e pudessem compreender os caminhos da Vida Religiosa. Ao longo do tempo, a Vida Religiosa no Brasil teve diferentes focos, desde a formação, com o Padre Marcelo e o Padre Nogara, até a missão, com ênfase na inserção radical e, posteriormente, mais centrada em obras. Atualmente, acredito que, às vezes, perdemos um pouco o foco ao nos concentrarmos apenas nas obras.

Ir. Maria Neusa: Apenas mais uma coisa: por favor, faça uma breve fala de parabéns, pois conseguimos alcançar os 70 anos com muita dedicação.

Irmão Claudino Falchetto: A Vida Religiosa, representada pela CRB, merece parabéns. As páginas escritas no passado foram marcadas por coragem, coerência, busca e sacrifício, chegando ao ponto de dar a própria vida. Espero que as novas gerações também escrevam páginas semelhantes no futuro. Que aqueles que olharem para trás, daqui a mais de 70 anos, possam reconhecer o comprometimento sério dos religiosos, homens e mulheres que levaram sua vida a sério!

